

Mobilidade humana e circularidade de ideia

Diálogos entre a América Latina e a Europa

editado por Luis Fernando Beneduzi e Maria Cristina Dadalto

As mulheres imigrantes portuguesas sob o véu da invisibilidade

Um balanço historiográfico

Roseli Boschilia

(Universidade Federal do Paraná, Brasil)

Abstract Traces the route of historiographical research on women and/immigrant, especially the Portuguese. Thus, the author lists important academic works in which the female character – their personal, family and working life in the land of origin and/or destination – gains focus. The work is ordered into three parts: an overview of works that deal with issues related to female gender, family, work and production, among others, in Brazil and abroad; queries related to the above, but specifically geared to the Portuguese immigrant; International congress presentation and creation of research groups that fomented investigations also about women and/Portuguese immigrants, but recently held in the twenty-first century. Concludes that, despite the difficulties in portraying the woman and/Portuguese immigrant, whether the male numerical superiority or the absence of documentary evidence, in the last two decades there has been a considerable effort to highlight its place actually acting subjects in the process and migration.

Sumário 1 Introdução. – 2 Desvendando o rosto da mulher imigrante portuguesa. – 3 Os estudos sobre as mulheres imigrantes portuguesas no século XXI.

Keywords Portuguese immigration. Immigrant woman. Historiographic balance.

1 Introdução

A obra *Homens que partem, mulheres que esperam*, publicada em meados da década de 1980 pela antropóloga canadense Caroline Brettell (1991), chama atenção para o caráter majoritariamente masculino da emigração portuguesa.¹

Esse aspecto, longe de constituir uma novidade, tem sido destacado amplamente por autores que há longo tempo vêm se dedicando aos estudos

1 A obra foi publicada originalmente em 1986, pela Princeton University Press, com o título *Men Who Migrate, Women Who Wait. Population and History in a Portuguese Parish*.

acerca da e/imigração.² A presença preponderante de pessoas do gênero masculino nos deslocamentos transoceânicos, fortemente evidenciada na documentação existente nos arquivos portugueses e brasileiros, contribuiu, sem dúvida, para que pesquisadores de diferentes áreas se dedicassem preferencialmente à análise deste grupo em particular, deixando as mulheres à margem desses estudos. Todavia, a socióloga francesa Isabelle Berteaux Wiame observa que, mesmo nos grupos imigratórios em que a equiparação percentual entre homens e mulheres é mais equilibrada, os estudiosos de migração evidenciam maior preocupação com os homens migrantes e, «muito frequentemente, neste tipo de estudo as mulheres são deixadas de lado, quase ignoradas» (Thomson 2002).

Nesse sentido, é singular, na obra de Brettell, o fato de esta autora eleger o tema da emigração para analisá-lo a partir da experiência de um grupo que, embora não participasse dos deslocamentos transoceânicos, estava igualmente envolvido nessa conjuntura. Ao analisar uma comunidade da região norte de Portugal, de onde saiu o maior percentual de emigrantes, a autora se volta para experiência das mulheres que permaneceram nas aldeias, enquanto a maioria dos homens partiu em busca de trabalho.

Ao analisar a questão da e/imigração portuguesa a partir da perspectiva teórica dos estudos de gênero, Brettell problematiza uma série de elementos ligados ao comportamento singular desse grupo emigrante, deslocando seu olhar dos sujeitos que partiam para analisar os desdobramentos e as tensões que o fenômeno da emigração provocava em todo o grupo social envolvido nessa experiência.

Aproximando-se das reflexões de autoras como Joan Scott, Michelle Perrot³ e Natalie Davis, que, a partir da década de 1980, contribuíram para dar maior visibilidade à história das mulheres, Brettell inaugura, com essa abordagem, uma nova forma de olhar os sujeitos envolvidos no processo e/imigratório, na medida em que procura refletir sobre a temática da emigração numa perspectiva relacional, em que homens e mulheres, ainda que separados geograficamente, estão igualmente submetidos aos efeitos do fenômeno emigratório e, nesse sentido, precisam reinventar suas práticas cotidianas e criar novas formas de sobrevivência.

Vale lembrar, entretanto, que, embora num primeiro momento a frase exibida no título, «mulheres que esperam...», possa sugerir a vinculação da figura feminina à passividade, a análise de Brettell é emblemática, na

2 Dentre o vasto elenco de autores dedicados ao estudo desta temática, podemos citar Joaquim Costa Leite, Vitorino Magalhães Godinho, Jorge Arroiteia, Jorge Alves, Henrique Fernandes Rodrigues, Fernando de Sousa, Jorge Malheiros, Maria Norberta Amorim, Maria Beatriz Rocha-Trindade e Isilda Monteiro, entre outros.

3 A obra *Une histoire de femmes, est-elle possible?*, organizada por Michelle Perrot, foi publicada em 1984. Três anos antes Elizabeth Badinter havia escrito a obra *Um amor conquistado: o mito do amor materno*, publicada no Brasil em 1985.

medida em que contribui para a desconstrução do modelo de organização familiar nas sociedades rurais portuguesas, no qual a mulher, longe de assumir o papel de mera coadjuvante, frequentemente atribuído a ela pela historiografia tradicional, aparece como protagonista.

No Brasil, as primeiras referências à mulher imigrante portuguesa aparecem na obra do cientista social alemão Emílio Willems (1995), que se dedicou aos estudos sobre a família rural brasileira, na década de 1950. Nos relatos coletados por ele, a mulher imigrante aparece não só ocupando as funções a ela destinadas no espaço doméstico, mas também exercendo o papel de 'chefe da casa', na ausência do marido. Em que pese a preocupação evidenciada por esse autor em analisar a atuação das mulheres no interior da família, ainda seria preciso esperar alguns anos para que a mulher brasileira, de modo geral, e as imigrantes, em particular, ocupassem o lugar de sujeitos históricos, sem estarem necessariamente atreladas à figura masculina.

Como se sabe, a adoção dessa nova postura intelectual só ocorreu notadamente a partir do final dos anos Setenta, quando as mudanças paradigmáticas no campo das ciências humanas tornaram possível a escrita de uma história ancorada em conceitos que, além de permitir a problematização de questões anteriormente relegadas ao esquecimento, também passassem a privilegiar grupos minoritários ou excluídos, como escravos, mulheres, crianças, pobres e imigrantes (Silva 1987).

No interior dessa configuração, além do inegável pionerismo de Heleieth Saffiotti,⁴ cabe destacar a contribuição das pesquisadoras da Fundação Carlos Chagas, que, em 1978 - com o apoio da Fundação Ford - deram início a um projeto de pesquisa cujo principal objetivo era dar visibilidade às mulheres brasileiras.⁵

No campo historiográfico, nesse mesmo período, o estudo empreendido por Laura de Mello e Souza, sobre o cotidiano de homens e mulheres pobres da sociedade setecentista, também evidencia o interesse de uma nova geração de historiadores por objetos anteriormente ignorados pela historiografia, como a pobreza, o abastecimento e o dia a dia de pessoas ordinárias (Souza 1983).

A obra *Quotidiano e poder em São Paulo no séc. XIX*, produzida por Maria Odila Leite Dias (1984), pode ser inserida no escopo dessas novas

4 Desde o seu primeiro trabalho acerca das professoras primárias e operárias, publicado em 1969, a autora dedicou sua carreira aos estudos sobre a mulher. Após ter produzido sua obra clássica, *A Mulher na Sociedade de Classe: Mito e Realidade*, publicada originalmente em 1976, Saffiotti escreveu várias obras que tiveram como foco questões ligadas ao trabalho, à exploração, à opressão e à violência de gênero.

5 Os primeiros resultados desse projeto foram publicados a partir de 1980. Ver Bruschini, Rosenberg 1980. Nesse mesmo período, além das reflexões realizadas no interior desse grupo, também merecem destaque as análises realizadas por outras autoras, como Pena 1981, Salem 1981, Moura 1982.

abordagens. Igualmente interessada no estudo do cotidiano de mulheres excluídas do processo formal do trabalho e diante da impossibilidade de encontrar vestígios deixados pelo próprio grupo, Maria Odila Dias fez uso de uma documentação oficial (processos crimes, cíveis, atas da Câmara Municipal, códigos de posturas, registros de ocorrências) para analisar as estratégias de sobrevivência das mulheres paulistas.

O interesse pelo cotidiano de sujeitos anônimos também motivou Rachel Soihet (1985) a se dedicar ao estudo de mulheres pobres no Rio de Janeiro da *belle époque*. Fazendo uso de um *corpus* documental muito próximo daquele utilizado por Maria Odila Dias, Soihet enfrentou o desafio de analisar um tema emblemático e pouco comum para a historiografia daquele período, que eram os crimes de infanticídio cometidos pelas progenitoras.

Numa perspectiva teórica semelhante, que visava questionar modelos naturalizados sobre homens e mulheres, Margareth Rago foi outra historiadora que, na obra intitulada *Do cabaré ao lar*, se debruçou sobre sujeitos comuns, investigando as práticas e as resistências operárias no contexto da Primeira República. Na sua análise, a presença feminina foi fundamental para problematizar as tensões a que a classe trabalhadora estava submetida dentro e fora da fábrica (Rago 1985). Outras duas autoras que também escolheram caminhos sinuosos no interior dos acervos, na tentativa de encontrar documentos que possibilitassem uma análise mais verticalizada sobre mulheres comuns, foram Martha Abreu (1989) e Magali Engels (1989).

Ainda na década de 1980, outro grupo de historiadores que igualmente contribuiu para a emergência das mulheres na historiografia brasileira foram os estudiosos da família e da demografia histórica. Nesse sentido, merecem destaque as contribuições de Eni Mesquita Samara, que, desde a escrita de sua tese sobre a família na sociedade paulista no século XIX, defendida em 1980, se dedicou ao estudo deste tema durante várias décadas (Samara 1993). Na esteira desses estudos, outros pesquisadores, como Carlos Bacellar (1990) e Mariza Corrêa (1993) também se debruçaram sobre o tema.

Diante do crescente interesse por temáticas envolvendo as mulheres, no final daquela década, a Revista Brasileira de História publicou um dossiê, organizado por Maria Stella Bresciani (1989), intitulado *A mulher no espaço público*.

Ainda no que diz respeito à inclusão da figura feminina nas análises historiográficas, a contribuição de estudiosos do período colonial que problematizaram o lugar das mulheres na estrutura socioeconômica da América Portuguesa, numa perspectiva que também buscava privilegiar a história da vida privada, também merece destaque. Nesse sentido, são representativos os estudos realizados desde o início dos anos Noventa por Mary Del Priore (1993, 1997) e Leila Mezan Algranti (1993) sobre a condição feminina no Brasil Colônia, bem como o de Luciano Raposo Figueiredo (1993), enfocando o cotidiano das mulheres pobres em Minas Gerais no século XVIII.

Seguindo essa mesma tendência, os estudos vinculados ao tema da escravidão, no interior da qual os cativos tiveram sua condição subalterna permanentemente associada a outras problemáticas, como as relações de trabalho e poder e exclusão social, motivou análises como a de Sandra Graham (1992), sobre o trabalho feminino na sociedade escravista.

A partir dos anos Noventa, a adoção do enfoque teórico trazido pelos estudos de gênero e já perceptível nos espaços acadêmicos brasileiros, desde a década anterior,⁶ se refletiu nas reflexões realizadas por pesquisadoras que passaram a se dedicar ao estudo de mulheres a partir desse novo referencial, contribuindo para a ampliação das análises que procuravam focar as experiências de homens e mulheres em diferentes perspectivas, sempre na tentativa de recuperar práticas, resistências e lutas cotidianas, até então invisibilizadas pela historiografia. Nessa direção, vale destacar os estudos realizados por Maria Izilda Matos (1994), que, ao problematizar os conflitos entre capital e trabalho nas indústrias de Sacaria de Café, um setor ocupado preferencialmente por homens, pôs em evidência o trabalho quase invisível das mulheres. Numa perspectiva semelhante, Joana Maria Pedro (1994), ancorada em fontes jornalísticas, procurou investigar a construção dos papéis femininos a partir das imagens idealizadas pela imprensa da capital catarinense, espaço ocupado maciçamente pelo gênero masculino. A essas análises vieram somar-se os trabalhos de Etelvina Maria de Castro Trindade, Ana Paula Vosne Martins e Carla Bassanezi Pinski, outras três historiadoras que, à luz desse novo aporte teórico, dedicaram-se, nesse mesmo período, a reflexões envolvendo mulheres comuns. Enquanto Trindade (1996) procurou analisar o lugar ocupado pelas mulheres no contexto da Primeira República, Pinski (1996) e Martins (2002) problematizaram questões ligadas ao universo feminino no período pós-guerra. Além das produções individuais, Trindade e Martins (1997) também contribuíram para dar visibilidade às análises que, já nesse período, vinham sendo produzidas fora do eixo Rio-São Paulo.

A partir desses exemplos, é possível perceber a produção de uma gama de estudos que contribuiu não só para dar visibilidade a diferentes grupos de mulheres, livres, escravas, brancas e negras, mas sobretudo para percebê-las como sujeitos históricos atuando no espaço da casa, nas senzalas e também no espaço público, nos conventos e nas fábricas. Ainda que num primeiro momento essa produção historiográfica não tenha focado particularmente as mulheres imigrantes, ela foi decisiva na luta pela superação do ranço deixado por uma historiografia escrita no masculino.

6 Em 1980, três anos após a publicação da obra de Heleieth Saffiotti, foi criado o primeiro Núcleo de Estudos Sobre a Mulher, na PUC/SP, por iniciativa de Fanny Tabak. Em 1981, surgia, na Universidade Federal do Ceará, o Núcleo de Estudos, Documentação e Informação sobre a Mulher - NEDIM. Sobre o assunto, ver Pedro 2011.

2 Desvendando o rosto da mulher imigrante portuguesa

Em que pesem os avanços obtidos nas diferentes áreas de investigação que buscaram privilegiar a presença das mulheres no Brasil, o grande impulso para a emergência dos estudos voltados especialmente à mulher imigrante portuguesa ocorreu em 1994, por ocasião do Primeiro Congresso Internacional *O rosto feminino da expansão portuguesa*, realizado em Portugal.⁷

Antes disso, uma das primeiras pesquisadoras brasileiras que havia privilegiado as mulheres imigrantes portuguesas como objeto de estudo foi Maria Beatriz Nizza da Silva (1984). Após se dedicar à escrita de artigos sobre casamento e divórcio no Brasil colonial, a autora publicou um texto enfocando especialmente a mulher imigrante, no qual chamava a atenção da comunidade acadêmica para um dos fatores que dificultavam a pesquisa a respeito das mulheres portuguesas, que era justamente a baixa visibilidade desse grupo na documentação escrita:

Não é fácil tratar este tema historicamente, pois a documentação raramente se refere especificamente à mulher e, por outro lado, aquela que diz respeito à mulher no Brasil não discrimina as populações femininas por núcleos de imigração, falando genericamente da mulher brasileira. (Silva 1987)

Apesar da escassez de fontes sobre a imigração feminina, o desejo da autora em dar maior visibilidade às mulheres é perceptível mesmo em obras nas quais o foco não estava direcionado à figura feminina. No estudo que realizou sobre a Caixa de Socorro D. Pedro V, por exemplo, Nizza da Silva (1990) não deixou de destacar a participação dos imigrantes, em geral, e das mulheres, em particular, na formação de movimentos de associativismo e nas práticas ligadas à filantropia no Brasil do século XIX.

A tentativa de minimizar os problemas enfrentados pelos pesquisadores brasileiros diante da ausência de documentação acerca da imigração portuguesa, em geral, e das mulheres, em particular, provavelmente serviu de motivação para que a autora realizasse um levantamento documental sobre a história da imigração portuguesa no Brasil (Silva 1992).

Os trabalhos desenvolvidos no Brasil por Nizza da Silva e pela historiadora portuguesa Miriam Halpern Pereira (1981), que, desde o início dos anos Oitenta, vinham se dedicando ao tema da imigração portuguesa para o Brasil, sem dúvida serviram de estímulo a outros pesquisadores interessados nos estudos envolvendo a mulher imigrante nos dois lados do Atlântico.

7 O congresso foi realizado pela Comissão para a Igualdade e para os Direitos das Mulheres. Ver Sousa 1994.

Desse modo, o Primeiro Congresso Internacional *O rosto feminino da expansão portuguesa*, realizado em Lisboa, despertou o interesse de quase uma dezena de pesquisadores. Ao lado de Nizza da Silva, participaram do evento pesquisadoras e pesquisadores brasileiros que, de algum modo, já vinham se dedicando aos estudos envolvendo as mulheres.⁸

É importante mencionar que, para além do interesse da historiografia pelos estudos das mulheres, a partir da década de 1980 o crescente interesse de pesquisadores e pesquisadoras pela utilização de outras tipologias de fontes, anteriormente desprezadas pelas ciências humanas, também contribuiu para dar novo fôlego à história da e/imigração portuguesa.⁹ Como componente desse grupo, que já vinha se dedicando aos estudos sobre a imigração portuguesa, Maria Izilda Matos pode ser referida, ao lado de Nizza da Silva, como uma das precursoras na produção de análises historiográficas voltadas especialmente à problematização do lugar social ocupado pelas mulheres no contexto da e/imigração portuguesa para o Brasil. No texto intitulado *Em busca da árvore das patacas*, Matos reflete sobre a saga de homens e mulheres imigrantes portugueses nas cidades de São Paulo e Santos, no período entre 1890 e 1930, com a intenção de recuperar «a teia de relações cotidianas desses imigrantes e suas dimensões de experiência no mundo do trabalho, recobrando a diversidade e a dinâmica das ocupações que os absorviam» (Matos 1994). O seu interesse em analisar o mundo do trabalho, a partir de uma ótica filiada aos estudos de gênero, tornou possível visualizar as mulheres portuguesas atuando nos armazéns do porto de Santos como catadoras de café ou como costureiras envolvidas na confecção de sacaria destinada à embalagem desse mesmo produto.

Na sequência, outras mulheres portuguesas ganharam visibilidade, a partir das análises empreendidas na área da história e da sociologia, voltadas particularmente a problematizar a presença desse grupo em áreas urbanas, como o Rio de Janeiro e Niterói, nas quais a presença portuguesa fora majoritária desde o início da colonização. Nessa direção, merecem destaque os trabalhos realizados por Rachel Soihet (1995), Vanessa Tavares Dias (1997) e Ana Maria de Moura Nogueira (1998).

Do mesmo modo, o interesse pelas análises centradas na experiência das mulheres imigrantes nas sociedades de acolhimento, bem como no processo de reconstrução de suas memórias, foi o que motivou a antropóloga

8 Participaram do evento pesquisadoras e pesquisadores como Maria Odila Leite Dias, convidada para a conferência de abertura, Beatriz Nizza da Silva, Maria Izilda Matos, Rachel Soihet, Leila Mezan Algranti, Joana Maria Pedro, Luciano Figueiredo, Paulo Miceli e Maria Christina Souza Campos.

9 Nesse sentido, merecem destaque as contribuições de historiadores como Maria Suzel Gil Frutuoso, Maria Manuela Ramos de Sousa Silva, Eulália M. Lahmeyer Lobo e, mais particularmente, Gladys Sabina Ribeiro, que, desde a década de 1980, vem-se dedicando a esse tema.

Bela Feldman-Bianco a focalizar os testemunhos orais de duas gerações de mulheres açorianas, radicadas no estado de Massachusetts, na tentativa de «compreender como essas imigrantes diferentemente reinterpretam e reinventam as experiências vividas na terra natal, em um contexto de mudanças dramáticas nas suas condições de existência, causadas pela imigração» (Feldman, Bianco 1993).¹⁰

Numa perspectiva semelhante, as pesquisadoras Maria Christina Souza Campos, Alice Beatriz da Silva Gordo Lang e Zeila Brito Fabri Demartini, também se dedicaram ao tema da imigração portuguesa em São Paulo, trabalhando com relatos de vida de homens e mulheres, a partir da utilização da metodologia da história oral. Segundo Lang e Demartini, o trabalho com relatos de vida de homens e mulheres permitiu «conhecer a vivência e a experiência dos imigrantes e, em última análise, apreender o sentimento de identidade dos portugueses no Brasil» (Lang, Demartini 2008).¹¹

Outra historiadora que também contribuiu para dar maior visibilidade às mulheres portuguesas, na década de 1990, foi Ana Silvia Volpi Scott. Estudiosa da família, seu tema de tese (Scott 1999), bem como outros textos publicados na sequência, privilegiou as formas de união e reprodução social no Noroeste Português, nos séculos XVIII e XIX, abrindo espaço para a problematização de questões relacionadas ao papel desempenhado pelas mulheres na sociedade portuguesa. A autora mostra que, em decorrência do constante desequilíbrio entre os sexos, causado pela emigração masculina, muitos domicílios, além de serem chefiados por mulheres sós (solteiras, viúvas, com maridos ausentes), também abrigavam a prole bastarda dessas mesmas mulheres (Scott 2015).

3 Os estudos sobre as mulheres imigrantes portuguesas no século XXI

Com o advento do século XXI, o interesse pela temática da imigração portuguesa, suscitado em grande medida pelos projetos de pesquisa que já vinham sendo desenvolvidos desde os anos Noventa, com o objetivo de aprofundar os estudos acerca do processo de reconstrução da identidade dos portugueses no Brasil, contribuiu não só para dar maior visibilidade ao tema, no âmbito dos programas de pós-graduação, mas também para o estabelecimento de convênios e a constituição de novos grupos de pesquisa.

10 Numa perspectiva semelhante, também pode ser referido o trabalho de Campos do 1999.

11 Em 1997, Zeila Brito Fabri Demartini recebeu apoio do CNPq para o desenvolvimento do projeto Famílias portuguesas na área metropolitana de São Paulo (1900-30). Projeto integrado: Portugueses em São Paulo, africanos em Portugal: representações e vivências familiares (século XX).

Nessa direção, vale destacar a investigação acerca das «Famílias portuguesas na área metropolitana de São Paulo (1900-30)», iniciado em 1997 pelas pesquisadoras do CERU. Vinculado a outro projeto mais amplo, intitulado *Portugueses em São Paulo, africanos em Portugal: representações e vivências familiares (século XX)*, esse projeto de pesquisa contou com financiamento do CNPq e foi realizado em parceria com o CEMRI (Centro de Estudos das Migrações das Relações Interculturais) da Universidade Aberta de Lisboa.¹²

Em 2003, por iniciativa de duas imigrantes e pesquisadoras portuguesas, realizou-se na Universidade de Toronto o Primeiro Congresso Internacional *A Vez e a Voz da Mulher Imigrante Portuguesa*. De caráter interdisciplinar, o evento reuniu pesquisadores de vários países, com o objetivo de problematizar questões relacionadas às experiências imigratórias das mulheres portuguesas.¹³

A partir dos debates resultantes desse primeiro evento, constituiu-se uma rede de pesquisadores cujos interesses estão voltados não só à análise dos fatores que provocaram a mobilidade imigratória ou do lugar ocupado pelas mulheres imigrantes nas sociedades de acolhimento, mas também, e acima de tudo, à busca de compreender os efeitos, ou melhor dizendo, as marcas que a experiência diaspórica deixou nessas mulheres. Com o objetivo de fomentar as discussões em torno dessas temáticas, os participantes dessa rede de pesquisa continuam promovendo eventos bianuais, graças ao apoio de diferentes programas de pós-graduação. Na sequência do primeiro evento, outros seis congressos foram promovidos em países como EUA (2005), Macau (2007), Brasil (2009), França (2011) e Portugal (2013, 2015).¹⁴

Outra iniciativa que contribuiu para dar maior visibilidade às mulheres imigrantes portuguesas foi a formulação do projeto *A Emigração do Norte de Portugal para o Brasil*. Contando com o apoio da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT), o projeto foi implementado através de um convênio entre o CEPESE (Centro de Estudos da População, Economia e

12 Os resultados desse convênio foram publicados em duas obras: Trindade, Campos 2003 e Trindade, Campos 2005.

13 A organização desse congresso foi uma iniciativa das professoras Manuela Marujo (Toronto University) e Aída Baptista (Leitora do Instituto Camões), com o objetivo de comemorar os cinquenta anos da imigração portuguesa para o Canadá. Além de pesquisadores radicados no Canadá, participaram do evento pesquisadores de Portugal, Brasil, Estados Unidos, Reino Unido, China e Austrália.

14 Os resultados das discussões promovidas nesses eventos estão disponíveis nas seguintes obras: Marujo 2000; Adão 2005; Andreatza, Boschilia 2011; Université Paris Ouest 2011; Simas 2014.

Sociedade) ligado à Universidade do Porto, e a FAPERJ (Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro).¹⁵

Um dos principais resultados desse acordo foi a criação de uma base de dados online contendo os registros de emigrantes portugueses que, a partir de 1822, saíram dos distritos do Norte de Portugal com destino ao Brasil. A reunião e a sistematização de informações sobre os emigrantes numa única base de dados, além de facilitar enormemente o acesso às fontes, também possibilitou a formulação de novas problemáticas acerca do fenômeno e/imigratório.

Outro desdobramento desse projeto foi a constituição de um grupo de pesquisa envolvendo dezenas de pesquisadores europeus e brasileiros que têm se dedicado ao tema da e/imigração. Para a divulgação dos resultados desses projetos investigativos, foram realizados dez eventos científicos. A partir das publicações¹⁶ resultantes desses eventos, é possível perceber que, apesar da prevalência de temas ligados à e/imigração masculina, em virtude da sua maior visibilidade na documentação, as mulheres imigrantes vêm gradativamente conquistando espaço nas pesquisas, conforme pode ser evidenciado nas análises realizadas por Maria Aparecida Macedo Pascal (2008), Etelvina Maria de Castro Trindade (2008), Cristina Donza Cancela (2009), Lená Medeiros de Menezes (2010), Maria Izilda Matos (2010) e Nelly de Freitas (2014), entre outras.

Sem a pretensão de esgotar o assunto e tampouco de relacionar todos os trabalhos que fizeram referências às imigrantes portuguesas, o que procuramos evidenciar neste artigo é que, mesmo sob o véu da invisibilidade, imposto, de um lado, pela superioridade numérica do gênero masculino no que diz respeito à história da e/imigração e, por outro, pelo silêncio e pela fragmentação das fontes, é perceptível o esforço realizado nas últimas duas décadas, no sentido de deslocá-las da condição de personagens que ‘esperam’ para o lugar de sujeitos históricos que estiveram efetivamente envolvidos no processo e/imigratório.

15 De acordo com o Professor Fernando de Sousa, responsável pela coordenação do projeto, que durou três anos e envolveu 15 pesquisadores, para a sua implementação foi estabelecido um protocolo com a Secretaria da Ciência, Tecnologia e Inovação do Estado do Rio de Janeiro, através da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro-FAPERJ, de forma a se levantarem as fontes documentais no Brasil sobre o mesmo tema.

16 As publicações resultantes dos dez eventos realizados no âmbito desse grupo de pesquisa estão disponíveis na página do CEPSE.

Bibliografia

- Abreu, Martha Campos (1989). *Meninas perdidas: os populares e o cotidiano do amor no Rio de Janeiro da Belle Époque*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Adão, Deolinda (2005). *The Voice and Choice of Women in Portugal and in the Diaspora*. Berkeley: Berkeley University.
- Algranti, Leila Mezan (1993). *Honradas e devotas: mulheres da colônia; condição feminina nos conventos e recolhimentos do Sudeste do Brasil, 1750-1822*. São Paulo: José Olympio.
- Andreazza, Maria Luiza; Boschilia, Roseli (eds.) (s.d.). *Portuguesas na diáspora: histórias e sensibilidades*. Curitiba: Ed. UFPR.
- Bacellar, Carlos de Almeida Prado (1990). «A mulher em São Paulo colonial» [online]. *Espacio, Tiempo y Forma* (Serie IV, Ha. Moderna), 3, 367-86. URL <http://revistas.uned.es/index.php/ETFIV/article/view/3229/3087> (2016-20-11).
- Bresciani, Maria Stella Martins (1989). *As mulheres no espaço público*. 1a ed. São Paulo: ANPUH/Marco Zero.
- Brettell, Caroline (1991). *Homens que partem, mulheres que esperam: consequências da emigração numa freguesia minhota*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Bruschini, Maria Cristina; Rosemberg, Fúlvia (1980). *Vivência: história, sexualidade e imagens femininas*. São Paulo: Brasiliense; Fund. Carlos Chagas.
- Campos, Maria Christina Souza (1999). *Famílias portuguesas em São Paulo e na Renânia do Norte/Westfália*. Texto apresentado no Congresso da ABHO: Belo Horizonte.
- Cancela, Cristina Donza (2009). «Imigração portuguesa, casamento e riqueza em Belém (1870-1920)». Sousa, Fernando de; Martins, Ismênia; Matos, Maria Izilda, *Nas duas margens: os portugueses no Brasil*. Porto: Afrontamento, 149-61.
- Corrêa, Mariza (1993). «Repensando a família patriarcal brasileira: notas para o estudo das formas de organização familiar no Brasil». Corrêa, Mariza (ed.), *Colcha de retalhos: estudos sobre a família no Brasil*. 2a ed. Campinas: Unicamp.
- Del Priore, Mary (1993). *Ao sul da história do corpo: condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil Colônia*. Brasília; Rio de Janeiro: EdUnb; J. Olympio.
- Del Priore, Mary; Bassanezi, Carla (eds.) (1997). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto; Ed. UNESP.
- Dias, Maria Odila Leite da Silva (1984). *Quotidiano e poder em São Paulo no séc. XIX*. São Paulo: Brasiliense.

- Dias, Vanessa Tavares (1997). *Memórias da casa: um estudo sobre mulheres imigrantes portuguesas no Rio de Janeiro* [Dissertação de Mestrado]. Rio de Janeiro: IFCS-UFRJ.
- Engels, Magali (1989). *Meretrizes e doutores*. São Paulo: Brasiliense.
- Feldman-Bianco, Bela (1993). *Entre a saudade da terra e a América: memória cultural, trajetórias de vida e (re)construções de identidade feminina na intersecção de culturas*. Encontros de Antropologia: Curitiba.
- Figueiredo, Luciano Raposo (1993). *O avesso da memória: cotidiano e trabalho da mulher em Minas Gerais no século XVIII*. Rio de Janeiro; Brasília: José Olympio; DF, EDUNB.
- Freitas, Nelly de (2014). «Retrato de mulheres migrantes: o perfil socioeconômico e as trajetórias das imigrantes madeirenses no Estado de São Paulo, 1886-99» [online]. *História*, 33, 2. URL <http://www.scielo.br/pdf/his/v33n2/0101-9074-his-33-02-00288.pdf> (2016-10-20).
- Graham, Sandra (1992). *Proteção e obediência: criadas e seus patrões no Rio de Janeiro, 1860-1910*. São Paulo: Cia. das Letras.
- Lang, Alice Beatriz da Silva Gordo; Demartini, Zeila Brito Fabri (2008). *Imigrantes portugueses em São Paulo: História Oral*. Bauru (SP): EDUSC.
- Martins, Ana Paula Vosne (2002). *Um lar em terra estranha: a aventura da individualização feminina; a Casa da Estudante Universitária de Curitiba nas décadas de 50 e 60*. Curitiba: Aos quatro ventos.
- Martins, Ana Paula Vosne; Trindade, Etelvina Maria de Castro (1997). *Mulheres na história; Paraná, séculos 19 e 20*. Curitiba: Ed. UFPR.
- Marujo, Manuela (ed.) (2005). *A vez e a voz da mulher portuguesa*. Toronto: University of Toronto.
- Matos, Maria Izilda (1993). «Estratégias de sobrevivência: a imigração portuguesa e o mundo do trabalho». Pereira, Miriam Halpern (org.), *A emigração-imigração portuguesa nos séculos XIX-XX*. Lisboa: Fragmentos, 100-20.
- Matos, Maria Izilda (1994). *Trama e poder, trajetória e polêmica em torno das indústrias de sacaria para o café*. Brasília: SESI.
- Matos, Maria Izilda (1994). «Em busca da árvore das patacas: o cotidiano e o trabalho de homens e mulheres imigrantes portugueses no Brasil». *Congresso Luso Afro-Brasileiro de Ciências Sociais*, 3 = *Anais do III Congresso Luso Afro-Brasileiro de Ciências Sociais*, 1.
- Matos, Maria Izilda (2010). «Imigrantes portuguesas: cotidiano, trabalho e resistência (São Paulo 1920-40)». Sarges, Maria de Nazaré dos Santos; Sousa, Fernando de; Matos, Maria Izilda; Vieira Jr, Antonio Otaviano; Cancela, Cristina Donza (eds.), *Entre mares: o Brasil dos portugueses*. Belém: Paka-Tatu, 1.
- Menezes, Lená Medeiros de (2010). «Imigração e comércio: silêncios sobre a mulher». Sarges, Maria de Nazaré dos Santos; Sousa, Fernando de; Matos, Maria Izilda; Vieira Jr, Antonio Otaviano; Cancela, Cristina

- Donza (eds.), *Entre mares: o Brasil dos portugueses*. Belém: Paka-Tatu, 1, 86-194.
- Moura, Esmeralda Blanco B. (1982). *Mulheres e menores no trabalho industrial: os fatores sexo e idade na dinâmica do capital*. Petrópolis: Vozes.
- Nogueira, Ana Maria de Moura (1998). *Como nossos pais: uma história da construção de memórias e identidades por imigrantes portugueses, Niterói, 1900-50* [Dissertação de mestrado]. Niterói: UFF.
- Pascal, Maria Aparecida Macedo (2008). «Imigração portuguesa em São Paulo: memórias, gênero e identidade». Matos, Maria Izilda; Sousa, Fernando de; Hecker, Alexandre (eds.), *Deslocamentos e histórias: os portugueses*. Bauru: EDUSC, 1, 283-91.
- Pedro, Joana Maria (1994). *Mulheres honestas, mulheres faladas: uma questão de classe*. Florianópolis: Ed. UFSC.
- Pedro, Joana Maria (2011). «Relações de gênero como categoria transversal na historiografia contemporânea» [online]. *Topoi*, 12, 22. URL <http://www.scielo.br/pdf/topoi/v12n22/1518-3319-topoi-12-22-00270.pdf> (2015.10.15).
- Pena, Maria Valéria Junho (1981). *Mulheres e trabalhadoras: presença feminina na constituição do sistema fabril*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Pereira, Miriam Halpern (1981). *A Política Portuguesa de Emigração (1850-1930)*. Lisboa: A Regra do Jogo.
- Pereira, Miriam Halpern (ed.) (1993). *A emigração-imigração portuguesa nos séculos XIX-XX*. Lisboa: Fragmentos.
- Pinsky, Carla Bassanezi (1996). *Virando as páginas, revendo as mulheres: relações homem-mulher e revistas femininas, 1945-64*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Rago, Luzia Margareth (1985). *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar: Brasil 1890-1930*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Salem, Tania (1981). *Mulheres faveladas: «com a venda nos olhos» Perspectivas antropológicas da Mulher*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Samara, Eni Mesquita (1983). *A família brasileira*. São Paulo: Brasiliense.
- Samara, Eni Mesquita (1989). *As mulheres, o poder e a família*. São Paulo: ANPUH; Marco Zero; FAPESP.
- Samara, Eni Mesquita (1993). «A mulher e a família na historiografia latino-americana recente». *Revista de Pós-Graduação em História*, 1, 1, 23-48.
- Scott, Ana Silvia Volpi (1999). *Famílias, formas de união e reprodução social no Noroeste português (séculos XVIII e XIX)*. Guimarães: NEPS; Universidade do Minho.
- Scott, Ana Silvia Volpi (2002). *Aproximando a Metrópole da Colônia: família, concubinato e ilegitimidade no Noroeste Português (século XVIII e XIX)* [online]. URL http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/2002/GT_His_ST4_Scott_texto.pdf (2015-08-15).

- Silva, Maria Beatriz Nizza da (1984). *Sistema de casamento no Brasil Colonial*. São Paulo: EDUSP.
- Silva, Maria Beatriz Nizza da (1987). «A história da mulher no Brasil: tendências e perspectivas» [online]. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, 27, 75-91. URL <http://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/69910/72564> (2015-07-10).
- Silva, Maria Beatriz Nizza da (1990). *Filantropia e imigração: a Caixa de Socorros D. Pedro V*. Rio de Janeiro: Soc. Portuguesa Caixa de Socorros D. Pedro V.
- Silva, Maria Beatriz Nizza da (1992). *Documentos para a história da imigração portuguesa no Brasil*. Rio de Janeiro: Nórdica.
- Simas, Rosa (2014). *A vez e a voz da mulher: relações e migrações*. Lisboa: Colibri.
- Soihet, Rachel (1985). *Condição feminina e formas de violência: mulheres pobres e ordem urbana, 1890-1920*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Sousa, Fernando de; Martins, Ismênia; Matos, Maria Izilda (2009). *Nas duas margens: os portugueses no Brasil*. Porto: Afrontamento.
- Sousa, Maria Reynold de (1994). *O rosto feminino da expansão portuguesa = Congresso internacional realizado em Lisboa, Portugal* (21-25 nov. 1994), 2.
- Souza, Laura de Mello e (1983). *Desclassificados do ouro: a pobreza mineira no século XVIII*. Rio de Janeiro: Graal.
- Thomson, Alistair (2015). «Histórias (co)movedoras: história Oral e estudos de migração» [online]. *Revista Brasileira de História*, 22, 44. URL <http://www.scielo.br/pdf/rbh/v22n44/14003.pdf> (2015-10-15).
- Trindade, Etelvina Maria de Castro (1996). *Clotildes ou Marias: mulheres de Curitiba na Primeira República*. Curitiba: Fundação Cult. de Curitiba.
- Trindade, Etelvina Maria de Castro (2008). «Três mulheres em seus tempos: vivências de portugueses no Brasil, da colônia aos nossos dias». Matos, Maria Izilda; Sousa, Fernando de; Hecker, Alexandre (eds.), *Deslocamentos e histórias: os portugueses*. Bauru: EDUSC, 1, 273-81.
- Trindade, Maria Beatriz Rocha; Campos, Maria Christina Souza (eds.) (2003). *Olhares lusos e brasileiros*. São Paulo: Usina do Livro; Universidade Aberta; CERU.
- Trindade, Maria Beatriz Rocha; Campos, Maria Christina Souza (eds.) (2005). *História, memória e imagens nas migrações; abordagens metodológicas*. Oeiras: Celta.
- Université Paris Ouest (2011). «Les Femmes portugaises dans la diaspora: en France et dans le monde» [online]. *Resumés V Colloque international Les Femmes portugaises dans la diaspora: en France et dans le monde*. Paris: Univ. de Nanterre. URL <https://sites.google.com/site/femmes-diaspora/home/historique> (2015-11-8).
- Willems, Emílio (1955). *A família portuguesa contemporânea*. São Paulo: Escola de Sociologia e Política de São Paulo.